



Universidade de Brasília

Instituto de Letras
Departamento de Teoria Literária e Literaturas
Monografia em Literatura

BEATRIZ JÚLIA DE MORAES MARQUES
12/0111667

UM TETO DE ZINCO TODO SEU

ORIENTADOR(A)
CÍNTIA SCHWANTES

Brasília- DF
2º/2016

I – INTRODUÇÃO

As desigualdades sociais apresentam dentre as principais causas a má distribuição de renda, a corrupção e instabilidade da nossa política e, principalmente, a falta de estrutura educacional que é oferecida – ou não oferecida – para os pobres, setor que considero como um dos mais afetados pelo clientelismo. Levando em consideração esses fatores e o histórico periférico do Brasil, a falta de educação e a propaganda consumista capitalista, houve e ainda há um aumento de criminalidade dentro dessas classes, que agravam seu afastamento e exclusão. Diante desse enquadramento, a literatura pode servir de porta voz e mostrar como algumas categorias humanas são representadas.

É dessa forma que, a partir da obra de Carolina Maria de Jesus – *Quarto de despejo*, esta monografia tem como objetivo analisar as categorias de gênero, classe e raça como elementos identitários. Tomou-se como aporte teórico as obras *Um teto todo seu*, de Virginia Woolf; *Gênero: uma categoria útil para análise histórica*, da historiadora norte americana Joan Scott; *Descolonizando o conhecimento*, de Grada Kilomba; e *Mulher, raça e classe*, de Angela Davis.

Para análise da obra e da sua contribuição na construção desses elementos identitários, tomou-se como metodologia a inscrição no gênero textual feita por Bakhtin, autor de obra que teve grande contribuição nos estudos e análises dos gêneros textuais e no estudo da linguagem, contribuindo para a linguística moderna.

II – ANÁLISE DE ELEMENTOS IDENTITÁRIOS EM *QUARTO DE DESPEJO*

Quarto de Desejo: Diário de uma favelada surgiu do diário da catadora de papel e alumínio que residia na favela do Canindé, São Paulo. Escritos na década de 1950, os diários de Carolina Maria de Jesus foram encontrados por Audálio Dantas, repórter encarregado de escrever sobre a favela, que, ao se deparar com os textos de De Jesus, pôde ter a visão de dentro do Canindé. Os relatos revelam o cotidiano em ciclo que é seu dia a dia: com três filhos, a catadora levanta cedo para buscar e carregar água, percorre as ruas em busca de papel e lata, troca pela moeda da época, o cruzeiro, compra sabão, pão e leite, percebe que as contas não fecham. Volta, cansada, para o que ela mesma chama barracão, e pensa na vida atribulada que tem todo dia. A narrativa, que a princípio nos parece ingênua, vai mostrando profunda reflexão sobre temas sociais densos.

Apesar do pouco letramento, todo o dia a dia de Carolina de Jesus tem a leitura como constante presença. “Tomei banho. Esquentei comida. Li um pouco. Não sei dormir sem ler. Gosto de manusear o livro. O livro é a melhor invenção do homem” (JESUS, 2007, p. 24). Ela se auto intitula como poeta/escritora, e quando, por exemplo, o jornal estadunidense devolve seus cadernos, ela se sente como que com os membros mutilados por ter sua obra rejeitada, dizendo que pior sentimento para um escritor não há. Depois de cada comida esquentada, depois de cada briga apartada na favela, depois de cada insulto recebido, Carolina de Jesus lia, e depois de cada dia vivido ela também escrevia. Escrevia na calçada, enquanto havia luz, todas as lembranças do seu meio. Diante de todos os problemas e adversidades, quando ficava nervosa não discutia, escrevia. Sentava no quintal e escrevia. Mas que condições teria uma mulher, preta, pobre, com filhos, moradora de favela, para escrever? Disporia de que tempo para o fazer?

2.1 Gênero como elemento identitário.

Joan Scott, em *Gênero: uma categoria útil para análise histórica*¹, discorre sobre o conceito de gênero, buscando historicamente como esse

¹ SCOTT, Joan. Texto original: Joan Scott – Gender: a useful category of historical analyses. Gender and the politics of history. New York, Columbia University Press. 1989. Tradução: Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila

termo foi sendo utilizado e recebido. Em seu uso recente, gênero aparece como sinônimo de “mulher”; nas gramáticas, o termo aparece como definição que vai além de traços inerentes, mas como meio de classificar fenômenos. As pesquisadoras feministas, que tiveram a percepção de que os estudos feministas trariam uma série de reavaliações, usavam o termo de forma mais recente e num sentido mais literal, como organização social entre os sexos, porque rejeitavam concepções sociais deterministas – como em “diferença sexual”. Para Scott, a definição de gênero está centrada em dois postulados: “O gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder” (SCOTT, 1989, p. 21). A autora diz que a substituição de “mulheres” por “gênero” significa dizer que o estudo das mulheres implica também os estudos dos homens, ultrapassando a ideia de que são esferas separadas. Ou seja, é a visão de gênero concebido como estudo do sistema de relações, podendo estar relacionado ao sexo, mas que vai além da sexualidade em si. A ideia principal de Joan Scott é a de que se usarmos o gênero como categoria de análise, obteremos respostas de como o gênero funciona nas relações sociais do ser humano e de como ele é importante para o conhecimento histórico.

Trabalhar, fazer fortuna e escrever são tarefas que dependem de condições necessárias para acontecerem. Carolina de Jesus cria os filhos, faz o que chama de trabalho, faz dinheiro, enfrenta questões de moralidade e ainda participa de questões políticas. Em *Um teto todo seu*, Virginia Woolf, escritora e ensaísta, deixa claro que sob seu ponto de vista “uma mulher precisaria ter dinheiro e um teto todo seu, um espaço próprio, se quiser escrever ficção”. (WOOLF, 1929, p. 12) Trata-se de uma palestra proferida pela autora, que acaba culminando num ensaio ficcional, no qual busca traçar um panorama histórico, colocando em questão quais condições uma mulher precisa para escrever ficção, condições essas que muitas vezes foram e são delimitadas por questões de gênero². Apesar de a autora inglesa discursar levando em consideração, também, a escrita de ficção, ela nos apresenta

² WOOLF, Virginia. *Um teto todo seu*. Ano de publicação: 2014. Editora Tordesilhas, 240 páginas. Título original: *A room of one's own*. Ano de publicação: 1929.

fatores que podem servir de base e comparação para análise de *Quarto de despejo*.

Questionando-se sobre quantos livros seriam escritos por homens e quantos por mulheres, Virgínia Woolf disserta sobre o efeito que a pobreza teria sobre a produção literária. O discurso é todo delimitado e focado na problematização de gênero, e nesse ponto do ensaio é posto em questão o porquê de algumas mulheres serem pobres. Para isso a autora volta e percorre a literatura ao longo do tempo, em busca de registros de autoras, personagens e agentes, percebendo que quase nada há escrito e produzido por mãos e intelecto feminino, somente masculino. Segundo a autora, não seria de muita valia consultar tais escritores homens que pareciam todos especializados em mulheres, mas que por se sentir “senhores” nada sabiam, de fato, da realidade contextual feminina. Diante dessa constatação, Woolf se pergunta que fatores anteriores teriam causado pobreza nessas mulheres:

irrompemos em escárnio ante a pobreza repreensível do nosso sexo. O que nossas mães ficaram fazendo que não tiveram riqueza nenhuma para nos deixar? Retocando a maquiagem? Olhando vitrines? (WOOLF, 1929, p. 35)

Ora, o texto de Virginia Woolf é todo produzido e contextualizado em solo inglês, nos séculos XIX e XX. Aqui no Brasil, por causa do histórico e construção do nosso país, podemos dizer com certeza que grande parte das nossas mães não puderam estar retocando maquiagem ou olhando vitrines. Em *Estrutura e infraestrutura da modernização modernista – O Modernismo*, João Hernesto Weber discute como aqui no Brasil o capitalismo competitivo se desenrolou e como os rumos tomados pelo país se deveram ao fato de que a sociedade brasileira tinha um futuro condicionado ao destino do país colonizador³. Na sua fase de incorporação no Brasil, esse capitalismo se apoiou na realidade colonial da nossa periferia, fato que possibilitou a instauração de um modelo dependente exportador e, junto com ele, a conseqüente marginalização de grande parte da população por causa da intensificação da concentração de renda. Um *aburguesamento* aqui inerente às condições econômicas preexistentes foi inevitável, *aburguesamento* este que

³ Estrutura e infraestrutura da modernização modernista – O Modernismo In: Weber, João Hernesto. *Do modernismo à nova narrativa*.

segundo o autor também ocorreu no nível político-ideológico, causando uma adaptação das modernizações recebidas às estruturas coloniais. Então não há uma recepção perfeita, essas ideias incorporadas ficavam “flutuando” no meio social e político, permitindo que a marginalização de parte da população continuasse sendo um fato.

Compreendendo um período de 1955 a 1960, os escritos de Carolina de Jesus foram reflexo do momento em que ela chegou à cidade numa tentativa de vida melhor, momento em que, de acordo com Mario Augusto Medeiros da Silva, as primeiras manifestações e radicalizações do movimento negro estavam “desbaratadas” em virtude do golpe de 1937, o que não seria um cenário ideal para impulsionar a criatividade literária⁴. Carolina de Jesus chega em 1937 em São Paulo, num cenário de desigualdades sociais devidas ao contexto de pós-abolição⁵, tentando ter uma vida melhor, como tantos outros tentaram, momento que é, segundo Da Silva, de formação de consciência individual e social da qual ela passa a fazer parte.

Fica claro, diante de alguns relatos, que Carolina de Jesus passava por situações em que ser mulher era visto como limitação, como quando era ainda criança e percebia que a história tinha sido documentada somente com homens à frente dela; ou quando tinha que se sujeitar a situações incômodas pelo fato de não ter um homem ao seu lado. Mas Carolina de Jesus, diferente das outras mulheres do Canindé, não era casada, e sequer tinha a vontade de ter um homem ao seu lado. “Não invejo as mulheres casadas da favela que levam vida de escravas indianas” (JESUS, 2004, p. 14). Considera gostar de ler como um ideal, tem a literatura como necessidade e tem consciência do quanto a questão do gênero, classe e raça pode ser limitadora para, entre outras coisas, suas intenções de autoria. No episódio em que um homem quis

⁴ DA SILVA, Mario Augusto Medeiros. O povo e a cena histórica: *Quarto de despejo e A integração do negro na sociedade de classes*. Cadernos Cedec n. 97, Julho de 2011.

⁵ Abolição sem reforma agrária, como proposto por Joaquim Nabuco. Político e abolicionista, Joaquim Nabuco entendia a escravidão como um fator de impedimento para o desenvolvimento social, já que o que no âmbito das leis ficou assinado e acordado, na prática não foi totalmente concretizado, uma vez que no Brasil os ex-escravos não receberam assistência e não houve a integração deles nessa sociedade. Como defensor de uma lei agrária em que as posses de terras fossem ofertadas pelo Estado, Nabuco via também a escravidão como empecilho de desenvolvimento agrário. Assim, via uma questão relacionada a outra, defendia a emancipação dos escravos e a democratização do solo.

casar-se com ela, De Jesus não aceitou, porque na sua concepção um homem não gostaria de uma mulher que lia e escrevia todos os dias.

Quando eu era menina o meu sonho era ser homem para defender o Brasil porque eu lia a História do Brasil e ficava sabendo que existia guerra. Só lia os nomes masculinos como defensor da pátria. Então eu dizia para a minha mãe:

- Porque a senhora não faz eu virar homem? (JESUS, 2004, p. 48)

E o José Carlos vendo a minha luta disse-me:

- Porque é que a senhora não casou-se? Agora a senhora tinha um homem para ajudar. (JESUS, 2004, p. 77)

2 DE JULHO ...Levantei, acendi o fogo e mandei o João comprar 10 de açúcar. Bateram no barracão. Os filhos falaram:

- É o pai da Vera.

- É o papai – ela sorria para ele.

Eu é que não fiquei com tal visita. Ele disse-me que não levou o dinheiro lá no Juiz porque não teve tempo. Mostrei-lhe os sapatos da Vera que estão furados e a água penetra.

- Quanto pagou isto?

- 240.

- É caro.

... Ele deu-me 120 cruzeiros e 20 para cada filho. Ele mandou os filhos comprar doces para nós ficarmos sozinhos. Tem hora que eu tenho desgosto de ser mulher. Dei graças a Deus quando ele despediu-se. (JESUS, 2004, p. 156)

Assim como Woolf colocou em hipótese que futuro teria tido a irmã de Shakespeare, com as mesmas capacidades intelectuais do irmão (chegando à conclusão de que a irmã de Shakespeare terminaria morta), poderíamos nos perguntar como Carolina de Jesus escreveria, que alterações haveriam nas suas produções se seu contexto fosse outro, se lhe fosse dada oportunidade, quais seriam suas possibilidades de ação. Na tese de Virgínia Woolf é estabelecido como condição básica para que uma mulher escreva ficção um espaço livre de interrupções. Carolina de Jesus, apesar de não escrever ficção, fabulava, mas o fazia em condições adversas às estabelecidas pela escritora inglesa. Procurava lugar na favela para escrever sossegada, mas não encontrava. Na sombra sentia frio, no sol sentia calor; apartava, com os cadernos na mão, brigas dos moradores. "... A coisa que eu tenho pavor é de entrar no quatinho onde durmo, porque é muito apertado. Para eu varrer o quarto preciso desarmar a cama. Eu varro o quatinho de 15 em 15 dias". (JESUS, 2007, p. 131) Qual o estado de espírito mais propício para se criar? Carolina de Jesus estava quase sempre com fome, cansada, com dores devido

ao trabalho, às vezes doente, rodeada de afazeres domésticos, sem tempo até, quem sabe, para pensar em seu próprio estado de espírito:

Aproveitei a minha calma interior para eu ler. Peguei uma revista e sentei no capim, recebendo os raios solar para aquecer-me. Li um conto. Quando iniciei outro surgiu os filhos pedindo pão. (JESUS, 2007, p. 12)

Mesmo elas aborrecendo-me, eu escrevo. Sei dominar meus impulsos. Tenho apenas dois anos de grupo escolar, mas procurei formar o meu caráter. (JESUS, 2007, p. 16)

2.2 Classe como elemento identitário.

Woolf coloca que a ficção ou o próprio trabalho imaginativo vêm a duras penas, precisando de uma construção e bases, comparando-o com o trabalho feito nas teias de aranha. O êxito dessas construções estaria relacionado “a coisas materiais, como saúde, dinheiro e a casa onde se mora” (WOOLF, 1929, p. 64). Mas se de um lado a autora inglesa se posiciona dessa maneira, Antonio Candido coloca que a criação poética – impulsionadora primária da literatura – mostra-se em cada indivíduo, esteja esse indivíduo inserido em qualquer contexto. O crítico brasileiro, em seu texto *O direito à literatura*, defende a literatura como um direito humano, entendendo como pressuposto dos direitos humanos aquilo que, sendo indispensável para o eu, é, também, indispensável para o outro⁶. Apoiando-se na definição de Louis-Joseph Lebret, o autor chama de bens incompreensíveis – como aqueles que não deveriam ser negados a ninguém – não só a roupa, a comida, a casa etc, ou seja, os bens que garantem a sobrevivência física, mas também coloca como incompreensíveis aqueles bens que garantem a integridade espiritual, e aí coloca a arte e a literatura. É de se ressaltar que, de uma maneira ampla, chama de literatura “criações com toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade” (CANDIDO, 1995, p. 5). Dessa forma, vendo a literatura como manifestação natural e como necessidade dos seres humanos, não haveria possibilidade de viver sem, sendo, portanto, um direito. “E durante a vigília a criação ficcional ou poética, que é a mola da literatura em todos os seus níveis e modalidades, está presente em cada um de nós, analfabeto ou erudito” (CANDIDO, 1995, p. 5).

⁶ CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: Vários Escritos / Ed. Livraria Duas Cidades, São Paulo, 1995.

Ambas visões, a meu ver, se complementam, uma vez que Woolf não exclui, não tira da mulher – pobre – o processo de criação ou a maestria literária, mas diz que o êxito que essa mulher pode ser diminuído pela falta de validação social e de recursos financeiros. Apesar da falta de condições e estruturas, aqui no Brasil temos nomes, por exemplo, de Maria Firmina dos Reis – considerada a primeira romancista brasileira – Elizandra Souza, Conceição Evaristo, Geni Guimarães e Cristiane Sobral, entre outras escritoras negras que venceram as dificuldades colocadas em seus caminhos.

Contendo em si mesma os estigmas de mulher e negra, Carolina de Jesus ainda traz a condição de ser pobre. O fator financeiro faz com que ela deixe de ter acesso aos conjuntos determinados pela posição social, então De Jesus enfrenta problemas sociais que atingem maioritariamente o pobre, o qual é visto como imagem condensadora do erro. A narradora-personagem de *Quarto de despejo* está inserida em espaços desestruturados, não tem oportunidades e opções e acaba ficando sujeita à fome, à violência e a outros problemas. “Mas, o pobre não repousa. Não tem o privilegio de gosar (sic) descanso” (JESUS, 2004, p. 10).

Era 6 horas quando apareceu um carro. Era um senhor que havia casado e veio nos dar os sanduiches que sobrou. Eu ganhei alguns. Depois os favelados invadiram o carro. Os moços foram embora e disse que iam jogar os sanduiches no lixo que gente de favela são estupidos e quadrupedes que estão precisando de ferraduras. (JESUS, 2004, p. 63).

Do espaço em que vive, o próprio título nos antecipa uma definição de *favelada*. Carolina de Jesus chama de úlcera a favela, como sendo a enfermidade da cidade; quando ia à cidade, tinha a impressão de estar no paraíso, porque via as diferenças e contrastes das vestimentas, dos ornamentos nas casas. Chama de quarto de despejo, como se os favelados tivessem sido despejados e escondidos no Canindé para “limpar” a cidade, contrastando com a cidade, a prefeitura e a sede do governo. A representação do pobre é feita por meio de oposição dos elementos na narrativa, a favela é descrita em oposição à cidade, a sujeira em oposição à limpeza – das pessoas e dos locais, o pobre em oposição ao rico, a voz e a escrita:

...Eu classifico São Paulo assim: O Palácio, é a sala de visita. A Prefeitura é a sala de jantar e a cidade é o jardim. E a favela é o quintal onde jogam os lixos. (JESUS, 2004, p. 28).

...As oito e meia da noite eu já estava na favela respirando o odor dos excrementos que mescla com o barro podre. Quando estou na cidade tenho a impressão que estou na sala de visita com seus lustres de cristais, seus tapetes de viludos (sic), almofadas de sitim (sic). E quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo. (JESUS, 2004, p. 33).

- Pois é, Toninho, os editores do Brasil não imprime o que escrevo porque sou pobre e não tenho dinheiro para pagar. Por isso eu vou enviar o meu livro para os Estados Unidos. Ele deu-me varios endereços de editoras que eu devia procurar. (JESUS, 2004, p. 117).

Quarto de despejo mostra, também, os problemas relacionados ao fato de a favela não criar o que a narradora chama de caráter, não ser um ambiente favorável à educação infantil, especialmente quando relacionado à criação e sustento dos filhos e às dificuldades devidas a essa criação feita sem a presença e auxílio dos progenitores das crianças. José Carlos, o filho mais velho, ao ficar e passar muito tempo nas ruas, às vezes ajudando a catar papel e pedindo esmolas, ficava exposto à rotina do Canindé, o que acarreta problemas e, assim, obriga a mãe a ter que antecipar conversas consideradas por ela sérias da vida com ele. Segundo Carolina de Jesus, "(...) quem reside na favela não tem quadra de vida. Não tem infância, juventude e maturidade" (JESUS, 2004, p. 82).

De todos os problemas sociais apresentados, a fome parece ocupar espaço central em *Quarto de despejo*, uma vez que se repete e perpassa todos os outros problemas sociais no livro. Durante todo o relato, vemos situações em que De Jesus e a comunidade são forçados a fazer coisas sub-humanas. Por vezes, sem alternativa, pegou comida do lixo para dar aos filhos. Localizando a culpa no custo de vida, Carolina de Jesus é obrigada a recorrer ao lixo, ação que somente os animais fazem, e o fazem por serem bichos:

(...) Passei no Frigorífico. Havia jogado muitas linguças no lixo. Separei as que não estava estragadas. (...) Eu não quero enfraquecer e não posso comprar. E tenho um apetite de Leão. Então recorro ao lixo. (JESUS, 2007, p. 93).

- É verdade que você come o que encontra no lixo?

- O custo de vida nos obriga a não ter nojo de nada. Temos que imitar os animaes (sic). (JESUS, 2007, p. 112).

(...) Passou um senhor, parou e nos olhou. E disse perceptível:

- Será que este povo é deste mundo?

Eu achei graça e respondi:

- Nós somos feios e mal vestidos, mas somos deste mundo.
Passei o olhar naquele povo para ver se apresentava aspecto humano
ou aspecto de fantasma. (JESUS, 2007, p. 146).

A representação do homem como objeto, de acordo com a teoria marxista de Gyorgy Luckács, é consequência da sociedade do trabalho e do modelo maquinal do capitalismo. De acordo com essa teoria, é tirada a humanidade do homem, o qual é transformado em coisa. Por meio de seu diário e da sua linguagem muitas vezes poética, Carolina de Jesus resiste à coisificação. Se o trabalho que se assemelha ao de um animal lhe tira a condição de humana, seu escrever aparece como movimento de negação de um sistema predominante. Essa consciência política e de classe causada pelo trabalho que aparece em Carolina de Jesus é, segundo Luckács, a força emancipatória que pode colocar o homem, antes numa condição degradada, agora como ser social. De Jesus usa a literatura como libertadora, como alternativa, como saída da pobreza. Ao lado da fome aparecem outros problemas, como o alcoolismo infantil e a violência doméstica, mas a catadora de papel usa a escrita como denúncia. Com fúria em relação a sua realidade, derruba-se sobre o papel e desabafa. É na sala da redação, onde publicariam seu livro, que Carolina Maria de Jesus comeu a comida dos seus sonhos e teve a sensação de estarem lavando a sujeira da vida dela:

...Na redação, eu fiquei emocionada. (...) O senhor Antonio fica no terceiro andar, na sala do Dr. Assis Chatobriand. Ele deu-me revista para eu ler. Depois foi buscar uma refeição para mim. Bife, batatas e saladas. Eu comendo o que sonhei! Estou na sala bonita. A realidade é muito mais bonita do que o sonho. (...) Eu estou tão alegre! Parece que a minha vida estava suja e agora estão lavando. (JESUS, 2004, p. 152).

Apoiando-se nas ideias de Marx, Engels e Lukács, e ainda em Alfredo Bosi e Antonio Candido, no que diz respeito à importância e relação da literatura com o trabalho, as autoras de *A centralidade da linguagem e do trabalho em Quarto de Despejo* colocam que, segundo Lukács, o trabalho aparece como objeto de passagem entre o animal e o ser social, porque faz nascer a subjetividade no sujeito e, com isso, a sua liberdade⁷. Segundo Bosi,

⁷ FANIN, Angela Maria Rubel, VILELA, Carla Prado. A centralidade da linguagem e do trabalho em *Quarto de Despejo*. Language and labour centrality in *Quarto de Despejo*. Revista Línguas & Letras – Unioeste – Vol. 15 – Nº 29 – Segundo Semestre de 2014 e-ISSN: 1981-4755

a Literatura aparece como resistência a esse mundo degradante e desumano do trabalho. Apoiando-se nesses dois autores, admite-se que a narradora de *Quarto de Despejo*, ao se debruçar no lápis e papel por meio muitas vezes de linguagem poética para narrar sua rotina doída, faz um movimento de resistência a essa rotina. “O trabalho diuturno que a subjuga à condição de animal é transcendido pelo trabalho imaterial da escritura que empreende na parte da noite. A escrita do diário é uma forma de luta contra as agruras do universo do trabalho. O trabalho lhe propicia o sustento material e a escritura o sustento espiritual” (FANIN, VILELA, 2014, p. 5). Apesar de Carolina de Jesus e o resto dos trabalhadores do Canindé trabalharem para o sistema capitalista e esse mesmo sistema tirar proveito deles, eles não são bem-vindos na cidade, o que na verdade se constitui como o “coração da exploração capitalista”, segundo o texto. A reprodução do capitalismo só existe por causa do mecanismo de exploração da força de trabalho, que subtrai o sentido do esforço e trabalho de pessoas como Carolina de Jesus.

No livro é representado o mundo do trabalho de Carolina de Jesus e de indivíduos marginalizados e, segundo o texto, nessa época, década de 50, época em que De Jesus escreveu, o discurso em relação ao trabalho girava em torno da moral e era tido como fonte de riqueza. Apesar do trabalho de Carolina de Jesus não ser prazeroso, era por meio dele que ela se distanciava dos vizinhos não trabalhadores e mostrava que era uma pessoa íntegra. “(...) surge a condição distópica dela em seu discurso visto que, ora se percebe igual aos marginalizados ora, diferente. O trabalho físico que exerce é precário e a entristece, mas ela o percebe também como forma de se afastar da ociosidade e da criminalidade” (FANIN, VILELA, 2014, p. 16).

2.3 Raça como elemento identitário.

Angela Davis, voltada para o contexto norte americano, fala da falta de material no meio intelectual em relação à situação das mulheres escravas. Essas mulheres tiveram e têm pouco ou nenhum foco. Em termos de números, é citado em *Mulher, raça e classe*, da mesma autora, o fato de as mulheres negras terem trabalhado fora de casa mais do que as mulheres brancas, e esse espaço que o trabalho ocupou na vida delas parece ter-lhes tirado ou

ofuscado traços de existência feminina⁸. Com a escravatura na constante rotina dessas mulheres, e devido ao fato de no século XIX o ideal de feminilidade estar ligado ao papel doméstico da mãe e dona de casa, as escravas eram consideradas, de acordo com a autora, anomalias. Falando sobre o contexto de escravos e escravas, que eram igualmente trabalhadores do campo, é dito que as mulheres escravas sofreram de maneira diferente porque, pelo único fato de serem mulheres, sofriam abuso sexual e maus tratos.

Os comportamentos dos donos de escravos para as mulheres escravas eram: quando era rentável explorá-las como se fossem homens, sendo observadas, com efeito, sem distinção de gênero, mas quando elas podiam ser exploradas, castigadas e reprimidas em formas ajustadas apenas às mulheres, elas eram fechadas dentro do seu papel exclusivo de mulheres. (DAVIS, 1982, p. 11).

Davis coloca em questão o motivo de o abolicionismo ter atraído as mulheres brancas, no século XIX, e as ter unido num movimento só de anti escravatura. Ela afirma que a noção ideológica mais rigorosa sobre feminino, estereotipado, foi consequência do capitalismo industrial, e quando as mulheres saíram do âmbito doméstico para o âmbito das fábricas, o feminismo como corrente começou a se alastrar entre as mães e esposas, aparecendo, então, mulheres jovens e brancas militando e encontrando força no movimento antirracista, que as fez ver que assim como as mulheres negras, elas também podiam lutar pelos seus direitos e questionar a supremacia masculina dentro de suas próprias casas.

Carolina de Jesus era “escrava” de um sistema brutal, mas não era escrava de pensamento. Era semianalfabeta, entretanto isso não a deteve de desabrochar em papel e poesia. Esforço e trabalho parecem resultar em mais esforço e trabalho, ódio e amargura e a impossibilidade de um futuro melhor são sentimentos com que tem que lidar. Carolina de Jesus via e escrevia, deixava seu próprio relato sobre a própria vida, a própria comunidade, o próprio meio e, não diferente de outros assuntos, escrevia sobre questões relacionadas à raça, à escravidão. Não tinha com quem deixar os filhos, tinha um barracão, não tinha um espaço só seu, dormia e passava o dia, muitas vezes, com fome, mas deixou seu relato e colocou, registrou, dessa forma, a mulher negra no mapa literário:

⁸ DAVIS, Angela. Mulher, raça e classe. Tradução livre. Plataforma Gueto, 2013. Publicação original, The Women’s Press, Ltda, 1982.

13 DE MAIO Hoje amanheceu chovendo. É um dia simpático para mim. É o dia da Abolição. Dia que comemoramos a libertação dos escravos. ...Nas prisões os negros eram os bodes expiatorios. Mas os brancos agora são mais cultos. E não nos trata com desprezo. Que Deus ilumine os brancos para que os pretos sejam felizes.

(...)

E assim no dia 13 de maio de 1958 eu lutava contra a escravatura atual – a fome! (JESUS, 2004, p. 27).

23 DE JUNHO ...Passei no açougue para comprar meio quilo de carne para bife. Os preços era 24 e 28. Fiquei nervosa com a diferença dos preços. (...) Enfim, o mundo é como o branco quer. Eu não sou branca, não tenho nada com estas desorganizações. (JESUS, 2004, p. 63).

(...) Depois voltei e fiquei pensando na minha vida. O Brasil é predominado pelos brancos. Em muitas coisas eles precisam dos pretos e os pretos precisam deles. (JESUS, 2004, p. 102).

Pensei: porque é que o homem branco é tão perverso assim? Ele tem dinheiro, compra e põe nos armazens. Fica brincando com o povo igual gato com rato. (JESUS, 2004, p. 130).

Carolina Maria de Jesus enfrenta oposição por ser negra em diversos momentos da narrativa, quando por exemplo tem suas peças rejeitadas pelos diretores de circo, por causa da sua raça e cor. Neste momento da narrativa, é singelo e bonito, como leitor, ver a percepção da escritora diante o preconceito. A questão da raça aparece também como fator limitador para a publicação dos seus escritos, quando os editores do seu próprio país não imprimem o que ela escrevia pela cor de sua pele:

...Sentei ao sol para escrever. A filha da Sílvia, uma menina de seis anos, passava e dizia:

- Está escrevendo, negra fívida!

A mãe ouvia e não repreendia. São as mães que instigam. (JESUS, 2004, p. 24).

... Eu escrevia peças e apresentava aos diretores de circos. Eles respondiam-me:

- É pena você ser preta.

Esquecendo eles que eu adoro a minha pele negra e o meu cabelo rústico. Eu até acho o cabelo de negro mais iducado do que o cabelo de branco. Porque o cabelo de preto onde põe, fica. É obediente. E o cabelo de branco, é só dar um movimento na cabeça ele já sai do lugar. É indisciplinado. Se é que existe reencarnações (sic), eu quero voltar sempre preta. (JESUS, 2004, p. 58).

- Você chamou a rádio Patrulha para mim. Negra fívida Mas você me paga!

(...)

- Negra suja. Ordinária. Vagabunda. Lixeira. (JESUS, 2004, p. 88).

... A vida é igual um livro. Só depois de ter lido é que sabemos o que encerra. E nós quando estamos no fim da vida é que sabemos como a nossa vida decorreu. A minha, até aqui, tem sido preta. Preta é a minha pele. Preto é o lugar onde eu moro. (JESUS, 2004, p. 147).

Em *Descolonizando o conhecimento*, Grada Kilomba fala sobre máscaras de metal que eram colocadas em escravos e a importância de essa máscara não ser esquecida, porque é metáfora de silenciamento e medo, diante da qual surgem questionamentos sobre quem pode falar e quem pode ser ouvido, ou porquê e por quem foram silenciados⁹. Máscaras que abafam o racismo, o colonialismo e a escravidão e que tentam tornar desconhecido o que já era conhecido pelos oprimidos. A autora traz uma relação entre pertencimento e voz. Segundo ela, quem é ouvido pertence a algum lugar e, de mesmo modo, quem não é ouvido não pertence, relação que faz com que quem colocou a máscara possa ser ouvido e, assim, pertença a algum lugar. Há uma hierarquia que determina quem pode falar que está ligada à hipótese da autora de que certos corpos pertencem a certos lugares. No sistema racista e de silenciamento, os corpos negros são sempre construídos como corpos não quistos e vistos como estando no lugar errado, na hora errada e de maneira errada, ou seja, corpos que não pertencem, ao contrário de corpos brancos.

Uma vez que a boca é tida como órgão especial de enunciação, em *Descolonizando o conhecimento*, falar se torna uma prática impossível, já que as pessoas são silenciadas por um “sistema de máscaras”. O que Carolina de Jesus faz quando escreve, a meu ver, é um movimento contra esse sistema. Há momentos na narrativa em que ela surge com forças para escrever, como um meio de desabafo e denúncia, justamente quando é “silenciada” por situações, “máscaras” que a diminuem:

(...) Vou escrever um livro referente a favela. Hei de citar tudo que aqui se passa. E tudo que vocês me fazem. Eu quero escrever o livro, e vocês com estas cenas desagradáveis me fornece os argumentos. (JESUS, 2004, p. 17).

- Tem banha?

- Não tem.

- Tem carne?

- Não tem.

Entrou um japonês e perguntou:

- Tem banha?

Ela esperou eu sair para dizer-lhe:

- Tem.

Voltei para a favela furiosa. Então o dinheiro do favelado não tem valor? Hoje eu vou escrever e vou chingar a caixa desgraçada do Açougue Bom Jardim.

Ordinária! (JESUS, 2004, p. 133).

⁹ KILOMBA, Grada. *Descolonizando o conhecimento*. Uma Palestra-Performance de Grada Kilomba Tradução: Jessica Oliveira

Saber que cada indivíduo vai falar de um espaço e tempo específicos, uma vez que cada um desses indivíduos tem seu contexto e história, é importante para se fazer o que Kilomba chama de descolonização do conhecimento, porque nenhum discurso será neutro. Conhecimento, então, não se resume ao estudo da verdade, mas antes está diretamente ligado à raça, gênero e poder.

Para Bakhtin, a linguagem é situada como prática social por natureza¹⁰. O centro organizador da enunciação não parte, portanto, do interior do indivíduo, mas surge no interior de relações que esses indivíduos mantêm. A concepção de interação verbal de que trata Bakhtin é baseada no papel do interlocutor na enunciação. De acordo com o autor, o interlocutor tem peso nessa relação porque é ele quem determina a gestão do discurso, uma vez que o discurso será moldado e diferenciado de acordo com a posição social do interlocutor. Bakhtin chama de gêneros do discurso esses enunciados estáveis que são gerados por interlocutores e contextos. “Cada um dos gêneros do discurso, em cada uma das áreas da comunicação verbal, tem sua concepção padrão do destinatário que o determina como gênero” (BAKHTIN, 2000, p. 321). Bakhtin faz distinção entre gêneros primários, os quais surgem de um contexto de comunicação espontânea e dão base para os gêneros secundários, os quais surgem de contextos de comunicação mais complexos e, por isso, são considerados mais complexos, como por exemplo o romance.

A imagem de fora construída que se tem do destinatário vai determinar “a escolha do gênero do enunciado, a escolha dos procedimentos composicionais e, por fim, a escolha dos recursos linguísticos, ou seja, o estilo do meu enunciado” (BAKHTIN, 2000, p. 321). Então, o estudo da concepção de linguagem de Bakhtin se adequa aos estudos de *Quarto de despejo* à medida que, ao se conceber a linguagem situada como prática social por natureza e entender a comunicação em seu contexto real, o estudo de práticas discursivas serve de estudo das relações e práticas sociais que, por sua vez, servem de estudo para identidades sociais, já que são construtoras delas.

¹⁰ BAKHTIN, M.2000. *Estética da Criação Verbal*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes.

Diante da concepção de gênero do autor russo e das ideias defendidas em *O povo e a cena histórica*, vê-se que a autora de *Quarto de despejo*, por meio de suas memórias individuais, dialoga com o leitor, fazendo com que este se sinta mais envolvido na realidade dela. Ela mesma interfere no seu próprio relato. “Vocês já sabem que eu vou carregar água todos os dias. Agora eu vou modificar o início da narrativa diurna, isto é, o que ocorreu comigo durante o dia” (JESUS, 2007, p. 126). Não fica só no plano de um simples diário, volta no leitor com impacto de uma realidade seca, à medida que passa a ser uma porta voz da favela do Canindé. Carolina de Jesus, como sujeito de sua história, como vivente daquele meio e realidade e, mais ainda, sujeito consciente da sua situação, talvez seja a única autorizada a falar de seu meio através da escrita, do seu diário.

Assim como para Bakhtin a interação verbal dos gêneros textuais é estritamente ligada ao papel do interlocutor, assim também o faz o gênero de testemunho periférico, porque nele está a ideia de que quem escreve, como sujeito negro e condensador de todo histórico e elementos que esse adjetivo possa trazer, seria o único com capacidade autêntica para ter aquela voz e falar naquele e daquele espaço:

O que faz da Literatura ser Negra ou Marginal/Periférica é, muitas vezes, menos o processo criativo (que se torna uma decorrência), mas, antes, uma ética da criação (que se antepõe a tudo). Ou seja: ao se instaurar uma ideia de Literatura Negra se pressupõe que o negro, enquanto sujeito social cômico de sua situação histórica seja o mais autorizado (senão o único) a expressar uma visão social de mundo através de um universo ficcional, em que aquele grupo social seja privilegiado enquanto personagem (o mesmo raciocínio é válido para o grupo periférico) (DA SILVA, 2011, p. 44. Grifo do autor).

De acordo com Anselmo Peres Alós, o gênero testemunho nasce na América Latina num contexto de regimes autoritários e violações dos direitos humanos¹¹, tendo o escritor e político Manuel Francisco Galich López como o primeiro a definir o gênero como tal, além de outros pesquisadores que o definiram e relataram. Esse é o pressuposto de uma literatura negra, ou de periferia, literatura que, ao colocar como personagem um determinado grupo social antes não cabido em nenhum outro espaço, privilegia esse grupo. Um

¹¹ ALÓS, Anselmo Peres. Literatura e intervenção política na América Latina: relendo Rigoberta Menchú e Carolina Maria de Jesus. Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Diálogos Interamericanos, no 38, p. 139-162, 2009.

relato que nasce das mazelas sociais, do preconceito, da desigualdade, do racismo, da violência, da falta de escolarização, da corrupção, do passado escravocrata do país, da falta de investimento na educação.

III – CONCLUSÃO

Desde a década de 50, época em que Carolina de Jesus escreveu *Quarto de despejo*, tivemos lutas sociais que nos proporcionaram conquistas. Em grande parte do mundo, as conquistas femininas puderam ser vistas, como o direito ao estudo das mulheres, a escolha da maternidade e, no Brasil, a eleição de uma presidente mulher. Entretanto, apesar dos avanços e disposições constitucionais, é visível que fatores como raça, classe e gênero ainda se apresentam como fatores limitadores na ascensão da mulher na sociedade e marcam menos reconhecimento e acesso a direitos.

Diante o que foi aqui apresentado, vê-se que Carolina Maria de Jesus carregava em si aspectos estereotipadores, era mulher, negra, pobre, semianalfabeta e mãe solteira, mas era, também, escritora. O papel forte e enaltecido que a escrita desempenha para Carolina de Jesus é algo que faz com que percebamos a importância não só do ato da escrita, mas da Educação. Assim como os diários de De Jesus surgiram como ato de luta e resistência ao sistema em que ela vivia, a Educação precisa ser vista como arma de empoderamento e espaço de visibilidade principalmente de pessoas que estão em áreas periféricas. A importância da visibilidade da Literatura marginal, de periferia, está no fato de que essa literatura incorpora em si uma política de confronto para, então, se alcançar inclusão. É literatura legítima, porque é literatura realista, no sentido corriqueiro, pelo fato do narrador estar falando do lugar em que vive, dessa periferia.

Existem diversas mulheres como Carolina de Jesus, capazes de senso crítico político, com sensibilidade poética, porém impedidas de ter acesso a diversas esferas no país, justamente porque lhes é negado suporte social e financeiro. Apesar da pouca ou nenhuma visibilidade com que tem que lidar – principalmente as mulheres negras e pobres – todo mundo pertence a algum lugar. Esse lugar de pertencimento talvez seja traduzido na escrita e em escritos como um processo profundo eterno no qual o sujeito tenta encontrar significado em si mesmo e no mundo exterior que o cerca. Por isso, num mundo em que temos de ser belas, recatadas e do lar, escrever é resistir!

IV – BIBLIOGRAFIA

ALÓS, Anselmo Peres. **Literatura e intervenção política na América Latina: relendo Rigoberta Menchú e Carolina Maria de Jesus**. Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Diálogos Interamericanos, no 38, p. 139-162, 2009.

BAKHTIN, M.2000. **Estética da Criação Verbal**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes.

CANDIDO, Antonio. **O direito à literatura**. In: Vários Escritos / Ed. Livraria Duas Cidades, São Paulo,1995.

DA SILVA, Mario Augusto Medeiros. **O povo e a cena histórica: Quarto de despejo e A integração do negro na sociedade de classes**. Cadernos Cedec n. 97, Julho de 2011.

DAVIS, Angela. **Mulher, raça e classe**. Tradução livre. Plataforma Gueto, 2013. Publicação original, The Women's Press, Ltda, 1982.

DUARTE, Constância Lima. **Gênero e violência na literatura afro-brasileira**. (UFMG). LITERAFRO - www.lettras.ufmg.br/literafro.

WEBER, Joao Hernesto. **Estrutura e infraestrutura da modernização modernista – O Modernismo** In: Weber, João Hernesto. *Do modernismo à nova narrativa*.

FANIN, Angela Maria Rubel, VILELA, Carla Prado. **A centralidade da linguagem e do trabalho em Quarto de Despejo**. Language and labour centrality in *Quarto de Despejo*. Revista Línguas & Letras – Unioeste – Vol. 15 – Nº 29 – Segundo Semestre de 2014 e-ISSN: 1981-4755

GONÇALVES, Emanuel Régis Gomes. **A literatura vista de baixo: o livro Quarto de despejo, de Carolina Maria de Jesus**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Ceará – UFC, Fortaleza, 2014.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. 8. Ed. – São Paulo, ática, 2004

_____. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. 9. ed. - São Paulo, Ática, 2007

KILOMBA, Grada. **Descolonizando o conhecimento**. Uma Palestra-Performance de Grada Kilomba Tradução: Jessica Oliveira

MOREIRA, André Luis Gomes. **Carolina Maria de Jesus e a representação social de pobre em *Quarto de despejo***. doi: 10.5102/univhum.v9i2.2091.

RAMIRES, Vicentina. **Panorama dos Estudos Sobre Gêneros Textuais**. Vicentina Ramires. Universidade Federal Rural de Pernambuco.

SANTIAGO, Ana Rita. **Vozes literárias de escritoras negras / Ana Rita Santiago**. – Cruz das Almas/BA: UFRB, 2012. 260 p.

SCOTT, Joan. Texto original: Joan Scott – **Gender: a useful category of historical analyses. Gender and the politics of history**. New York, Columbia University Press. 1989. Tradução: Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. Editora Tordesilhas, 2014, 240 páginas. Título original: *A room of one's own*. Ano de publicação: 1929. Idioma original: Inglês